

ASTRID LINDGREN

# Pippi

## NOS MARES DO SUL



Ilustrações  
INGRID NYMAN

Tradução  
MARIA MACEDO

2ª edição



Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 1948 by Astrid Lindgren/ Saltkråkan AB  
Copyright das ilustrações © 1948 by Ingrid Vang Nyman/ Saltkråkan AB

Publicado originalmente em 1981 pela Rabén & Sjögren, Suécia.  
Para mais informações sobre Astrid Lindgren: [www.astridlindgren.com](http://www.astridlindgren.com)  
Todos os direitos estrangeiros representados por Saltkråkan AB, Lidingö, Suécia, representada no Brasil pela Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução, Ltda. Para mais informações, escrever para [info@saltkrakan.se](mailto:info@saltkrakan.se).  
A tradução desta obra foi apoiada pelo Swedish Arts Council.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:  
*PIPPI LÅNGSTRUMP I SÖDERHAVET*

Revisão:  
ARLETE SOUSA  
VALQUÍRIA DELLA POZZA

Tratamento de imagem  
AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lindgren, Astrid, 1907-2002.  
Pippi nos mares do Sul / Astrid Lindgren ; ilustrações de Ingrid Nyman ; traduzido do sueco por Maria Macedo. — 2ª ed. — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

Título original: Pippi Långstrump i Söderhavet.  
ISBN 978-85-7406-732-2

I. Literatura infantojuvenil I. Nyman, Ingrid  
II. Título.

03-2384

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil: 028.5

2. Literatura infantojuvenil: 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	Pippi ainda mora, firme e forte, na Vila Vilekula ...	7
<b>2</b>	Pippi melhora o astral da tia Laura .....	27
<b>3</b>	Pippi encontra um sibongue .....	41
<b>4</b>	Pippi organiza uma competição escolar.....	57
<b>5</b>	Pippi recebe uma carta.....	75
<b>6</b>	Pippi embarca .....	87
<b>7</b>	Pippi desembarca.....	99
<b>8</b>	Pippi dá bronca num tubarão .....	113
<b>9</b>	Pippi dá bronca em Jim e Buck .....	127
<b>10</b>	Pippi se cansa de Jim e Buck.....	149
<b>11</b>	Pippi vai embora de Currecurredutina .....	159
<b>12</b>	Pippi Meialonga não quer ficar adulta .....	171
	<i>Sobre a autora</i> .....	189
	<i>Sobre a ilustradora</i> .....	191

1

**Pippi**

**AINDA MORA,  
FIRME E FORTE,  
NA VILA VILEKULA**

.....





## **AQUELA CIDADEZINHA MUITO,**

muito pequena tinha um aspecto certinho, pitoresco, com suas ruas pavimentadas com pedras, suas casinhas baixas e seus jardins floridos rodeando as casas. Todas as pessoas que passavam por lá deviam achar que a coisa mais tranquila e repousante do mundo era morar naquela cidade. Só que não havia grande coisa para se ver. Uma coisinha ou duas, talvez. Um museu de arte popular e um túmulo viking antigo. Nada mais. Quer dizer... Havia mais uma coisa. As pessoas daquela cidade, com todo o cuidado e todo o capricho, haviam espalhado tabuletas para indicar aos visitantes o caminho que levava às atrações mencionadas acima. Numa dessas tabuletas estava escrito, em letras bem grandes, “MUSEU DE ARTE POPULAR”, com uma seta embaixo mostrando o caminho. “TÚMULO VIKING”, lia-se numa outra.

Mas havia uma terceira tabuleta. Nela, estava escrito:



Não fazia muito tempo que aquela tabuleta estava ali. É que ultimamente muitos visitantes queriam saber como chegar à Vila Vilekula. Para falar a verdade, a maioria das pessoas que passavam pela cidadezinha queria saber onde era a Vila Vilekula. Poucos se lembravam do museu de arte popular e do túmulo viking.

Num belo dia de verão, um senhor chegou à cidade dirigindo seu carro. Como ele morava numa cidade muito maior do que aquela, estava convencido de que era bem mais distinto e bem mais importante do que todas as pessoas que moravam naquela cidadezinha muito, muito pequena. Além disso, o homem tinha um carro caro, vistoso, e ele próprio era um senhor de grande gabarito, com seus sapatos lustrosos e o anelão de ouro no dedo. Por isso era até compreensível ele se sentir o sujeito mais distinto e importante deste mundo.

Depois que cruzou os portões da cidadezinha, o visitante começou a buzinar com gosto. Queria que todo mundo percebesse que ele havia chegado.

Quando viu as tabuletas, aquele senhor tão distinto soltou uma gargalhada.

— “Museu de Arte Popular”. Não, não... Muito obrigado — disse para si mesmo. — É muita roça, para o meu gosto. “Túmulo viking” — leu em outra tabuleta. — Pelo jeito, a coisa está esquentando! — comentou. Depois, ao ver a terceira tabuleta, falou: — Mas que diabo será isso? “Vila Vilekula”... Que nome mais esquisito...

O homem pensou um pouco. Era claro que naquele caso a palavra “vila” estava sendo usada no sentido de “casa grande”... Como era possível que alguém achasse que uma casa, por maior que fosse, pudesse ser considerada um ponto turístico tão interessante quanto um museu de arte popular ou um túmulo viking? A tabuleta devia estar ali com alguma outra finalidade. E chegou a uma conclusão. Com certeza a casa estava à venda. A tabuleta era para mostrar o caminho aos possíveis compradores.

Fazia muito tempo que aquele senhor distinto estava com vontade de adquirir uma casa numa cidade pequena. Uma casa num lugar menos barulhento do que a cidade grande. Claro que não pretendia morar

na casa. A ideia era ter uma casa de campo para passar alguns dias descansando sempre que ficasse com vontade. Além disso, pensava o homem, se ele tivesse uma casa numa cidade pequena, os habitantes do lugar perceberiam de cara como ele era fino, como era poderoso. Pensando nessas coisas todas, resolveu dar uma olhada na Vila Vilekula.

Era muito simples chegar lá. Bastava seguir as setas. Mesmo assim, foi preciso rodar até o limite da cidadezinha para chegar ao lugar procurado. E lá, num portão caindo aos pedaços, estava escrito em letras vermelhas:



O homem estacionou o carro e examinou o local. Do outro lado do portão, viu um jardim muito mal-cuidado. Havia velhas árvores cobertas de parasitas, grama crescida e uma enorme quantidade de flores nascendo por tudo quanto era lado, sem o menor planejamento. Bem ao fundo, viu uma casa... Puxa vida, que casa! Dava a impressão de que poderia desmoronar a qualquer momento. O senhor distinto olhou para a casa e de repente enxergou uma coisa completamente maluca. Um cavalo na varanda! Aquele senhor distinto não estava acostumado a ver cavalos em varandas. Havia três crianças sentadas na escada da varanda. A do meio era uma menina com o rosto coberto de sardas e duas tranças vermelhas esticadas para os lados. Junto dela estava uma garota bonita, bem loura, de laço no cabelo e vestidinho azul xadrez. A terceira criança era um menino muito bem penteado. E no ombro da menina de cabelo vermelho estava sentado um macaco.

O senhor distinto ficou confuso. Devia haver algum engano... Como é que podia passar pela cabeça de alguém a ideia de vender aquela casa caindo aos pedaços?

— Me digam uma coisa, crianças — gritou. — Essa tapera horrível é mesmo a Vila Vilekula?

A menina que estava sentada no meio, a tal de cabelo vermelho, ergueu-se e começou a andar para o portão. Os outros dois foram atrás em passo mais lento.

— Você perdeu a língua? — insistiu o senhor distinto antes que a menina de cabelo vermelho chegasse ao portão. — Essa ruína aí na frente é mesmo a Vila Vilekula?

— Me deixe pensar um pouco... — disse a menina de cabelo vermelho, franzindo a testa. — O museu de arte popular... não, não é. O túmulo viking... também não. Ah, já sei! — gritou. — Esta é a Vila Vilekula.

— Responda direito! — exclamou o senhor distinto, saindo do carro. É que, apesar dos pesares, havia decidido olhar a propriedade mais de perto. — Evidentemente, seria preciso demolir tudo e construir uma casa nova... — murmurou para si mesmo.

— Boa ideia! Vamos começar agora mesmo — gritou a menina de cabelo vermelho. No mesmo instante ela correu para a casa e com muita disposição arrancou algumas tábuas do alpendre.

O senhor distinto não prestou atenção na menina. Para ele, não há coisa menos interessante neste mundo do que criança. Além disso, agora ele tinha outra coisa com que se preocupar. É que havia chegado à conclusão de que aquele jardim, apesar de descuidado, era

muito convidativo e atraente assim iluminado pelo sol. Se construísse uma casa nova, se aparasse o gramado e limpasse os caminhos e plantasse flores decentes, até um senhor extremamente distinto poderia morar ali. O senhor distinto tomou a decisão de comprar a Vila Vilekula.

Feito isso, olhou em torno para ver que outras coisas teriam de ser melhoradas. Seria preciso abater as velhas árvores cobertas de barba-de-pau, claro. Com ar irritado, avaliou um velho carvalho de tronco imenso e nodoso que cobria o telhado de Vila Vilekula com seus ramos.

— Aquele ali vem abaixo! — falou, decidido.

A garotinha bonita de vestido azul xadrez levou um susto.

— Oh, Píppi... Você ouviu o que ele disse? — falou ela, com voz amedrontada.

A menina de cabelo vermelho continuou pulando amarelinha pelos caminhos do jardim, perfeitamente despreocupada.

— Como eu já disse — repetiu o senhor distinto para si mesmo —, aquele velho carvalho bichado vai ao chão.

A garotinha de vestido azul xadrez estendeu as mãos para ele, implorando:

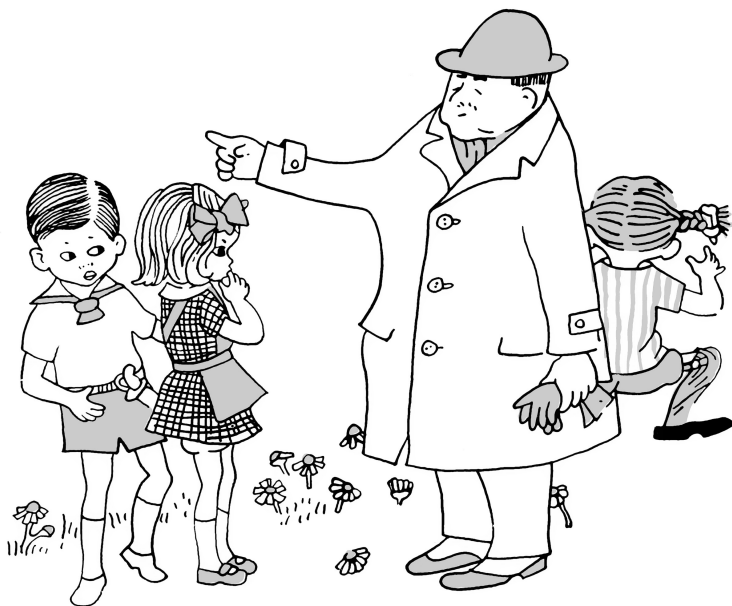
— Oh, não! Não faça isso. Aquele lá... É tão gostoso subir naquela árvore! E além do mais, ela é oca! Dá para entrar dentro do tronco.

— Bobagem — disse o senhor distinto. — Eu não subo em árvore, entendeu?

O menino de cabelo bem penteado também se aproximou. Parecia aflito.

— É, mas... Essa árvore dá frescor. Chocolate também. Nas quintas-feiras — explicou.

— Ouçam, crianças, tenho a impressão de que vocês andaram tomando sol demais — disse o se-





nhor distinto. — Porque vocês estão confundindo tudo. Mas não é da minha conta. Tenho a intenção de comprar esta propriedade. Será que vocês poderiam me dizer onde eu encontro o proprietário?

A garotinha de vestido azul xadrez começou a chorar e o menino bem penteado correu para a menina de cabelo vermelho, que continuava pulando amarelinha pelo jardim.

— Píppi! — chamou o menino. — Você ouviu o que ele está dizendo? Por que você não faz nada?

— Como não faço nada? — exclamou a menina de cabelo vermelho. — Estou aqui, pulando até não aguentar mais, e você vem me dizer que eu não faço nada? Experimente pular um pouquinho, para ver o que é bom para a tosse!

Logo depois, porém, ela se aproximou do senhor distinto e lhe disse:

— Meu nome é Píppi Meialonga. — Apontando para os dois amigos, continuou: — Este aqui é o Tom e aquela é a Aninha. Você quer que a gente faça alguma coisa para lhe ajudar? Demolir alguma casa, derubar alguma árvore... Alguma coisa precisando ser reformada... É só dizer.

— Não estou interessado nos nomes de vocês — disse o senhor distinto. — A única coisa que eu quero

saber é como posso entrar em contato com o proprietário dessa casa, que pretendo comprar.

A menina de cabelo vermelho, a tal que se chamava Píppi Meialonga, tinha recomeçado seu jogo de amarelinha.

— No momento a proprietária está um pouco ocupada — disse ela, pulando com muita convicção enquanto falava. — Para falar a verdade, está tremendamente ocupada — acrescentou, pulando em torno do senhor distinto. — Mas tenha a bondade de sentar-se e esperar, que daqui a pouco ela aparece.

— “Ela”... — disse o senhor distinto com ar satisfeito. — Então essa cabana miserável pertence a uma senhora? Tanto melhor. As mulheres não entendem nada de negócios. Esperemos que eu consiga comprar a casa por um precinho bem camarada...

— Esperemos... — disse Píppi Meialonga.

Como não encontrou nenhum outro lugar onde sentar-se, aquele senhor distinto se instalou, cauteloso, nos degraus da escada da varanda. O macaquinho, inquieto, saltitava de um lado para o outro pelo corrimão da varanda. Tom e Aninha, as duas crianças amáveis e bem penteadas, ficaram em pé logo ao lado, olhando para ele com expressão receosa.

— Vocês moram aqui? — perguntou o senhor distinto.

— Não — respondeu Tom. — Nós moramos na casa ao lado.

— Mas a gente vem brincar aqui todos os dias — disse Aninha, tímida.

— Tudo isso vai ter de mudar — disse o senhor distinto. — Não quero saber de correria de criança no meu jardim. Não tem nada pior do que criança.

— Eu também acho — intrometeu-se Píppi, fazendo um intervalo nas suas atividades. — Todas as crianças deveriam ser fuziladas.

— Como é que você pode dizer uma coisa dessas? — disse Tom, magoado.

— É, sim! Na minha opinião, todas as crianças deveriam ser fuziladas — insistiu Píppi. — Só que não vai ser possível. Porque, se elas forem fuziladas, não crescem e não se transformam em adultos bonzinhos. E o que ia ser do mundo sem adultos bonzinhos?

O senhor distinto olhou para o cabelo vermelho de Píppi e resolveu se divertir um pouco enquanto esperava.

— Você sabe o que você e um fósforo aceso têm em comum? — perguntou.

— Não — disse Píppi. — Mas essa é uma coisa que eu sempre quis saber.

O senhor distinto puxou com força uma das tranças de Píppi.

— Então vou lhe dizer. Vocês dois têm cabeça vermelha. Ha-ha-ha!

— Todo dia a gente aprende alguma coisa — afirmou Píppi. — Como é possível que até hoje eu não tivesse me dado conta disso?

O senhor distinto olhou para ela e falou:

— Sabe de uma coisa? Acho que você é a criança mais feia que eu já vi na vida.

— Bom... — disse Píppi. — Também não acho você nenhuma maravilha da natureza.

O senhor distinto fez cara de ofendido, mas não disse nada. Píppi ficou um momento em silêncio, olhando para ele com a cabeça inclinada para o lado.

— E agora me diga... — disse ela, afinal. — Por acaso você sabe o que nós dois temos em comum?

— Nós dois? — estranhou o senhor distinto. — Nós dois não temos absolutamente nada em comum. Pelo menos é o que eu espero!

— Temos, sim! — disse Píppi. — Nós dois somos bons de papo. Menos eu.

Tom e Aninha riram um pouco, discretamente. O senhor distinto ficou com o rosto todo vermelho.

— Quer dizer que você resolveu partir para a ofensa! — berrou. — Espere um pouco, que lhe dou umas palmadas para você aprender a ser educada.

O homem estendeu o braço gordo para agarrar Píppi, mas no mesmo instante ela pulou para um lado e no segundo seguinte estava empoleirada num dos galhos do carvalho oco. O senhor distinto ficou de boca aberta, sem entender o que havia acontecido.

— Quando é que as palmadas vão começar? — perguntou Píppi, acomodando-se melhor em seu galho.

— Não tenho pressa. Eu espero — disse o senhor distinto.

— Ótimo — disse Píppi. — Porque na verdade pretendo ficar aqui em cima até meados de novembro.

Tom e Aninha caíram na gargalhada e bateram palmas. Só que não deviam ter feito isso. É que agora o senhor distinto estava simplesmente enfurecido, e como não conseguia agarrar Píppi, segurou Aninha pelo cangote e falou:

— Já que é assim, o assunto agora é com a senhorrta. Tenho a impressão de que você também está precisando de umas boas palmadas.

Aninha, que nunca tinha levado uma palmada na vida, soltou um berro desesperado de pavor. Ouviu-se um ruído de impacto contra o chão quando Píppi pulou da árvore. Num segundo a menina estava diante do senhor distinto.

— Nada disso — falou Píppi. — Não tenho vontade de lutar com você. Vou só lhe mostrar umas coisinhas.

Dito e feito. Píppi agarrou o senhor distinto pela cintura grossa e jogou ele para o alto algumas vezes. Em seguida, com os braços bem esticados para a frente, saiu carregando o senhor distinto na direção do automóvel e despejou-o no assento traseiro.

— Acho melhor a gente também deixar para outro dia a demolição da cabana — disse. — É que só derrubo a casa uma vez por semana, entende? E nunca numa sexta-feira. Sexta-feira é dia de faxina. Ou seja, estou acostumada a passar o aspirador na casa na sexta-feira e demolir tudo no sábado. Cada coisa tem a sua hora.

Com muita dificuldade, o senhor distinto conseguiu engatinhar do assento traseiro para o volante. Pouco depois, se afastava dali em alta velocidade. Estava ao mesmo tempo amedrontado e furioso, e muito irritado por não ter conseguido falar com a pro-

prietária da Vila Vilekula. Agora mesmo é que estava resolvido a comprar a propriedade e expulsar de lá aquelas crianças insuportáveis.

Pouco depois, cruzou com um dos policiais da cidadezinha. Parou o carro e perguntou:

— Será que o senhor poderia me ajudar a encontrar a senhora que é proprietária da Vila Vilekula?

— Com o maior prazer — disse o policial, entrando no carro. — Vamos até a Vila Vilekula.

— Não adianta. Lá ela não está — disse o senhor distinto.

— Está, sim. Com toda a certeza — disse o policial.

Sentindo-se seguro por ter um policial a seu lado, o senhor distinto fez o que o policial havia mandado e voltou para a Vila Vilekula. É que desejava muito falar com a dona da casa.

— Lá está a senhora que é proprietária da Vila Vilekula — disse o policial, e apontou na direção da casa.

O senhor distinto olhou para onde o policial estava apontando. Logo depois pôs as mãos na cabeça e soltou um gemido. Na escada da varanda estava a menina de cabelo vermelho, aquela horrorosa da Píppi Meialonga, segurando um cavalo nos braços estendidos. O macaco estava sentado em seu ombro.

— Tom! Aninha! — gritou Píppi. — Venham cá! Vamos cavalgar um pouco antes que apareça o próximo especulador.

— É especulador que se diz — corrigiu Aninha.

— Aquela lá é... é a proprietária da casa? — perguntou em voz baixa o senhor distinto. — Mas ela... é só uma menininha!

— É — disse o policial. — Só uma menininha. A menina mais forte do mundo. Ela mora nessa casa completamente sozinha.

Com as três crianças no lombo, o cavalo se aproximou galopando da cerca. Píppi olhou para baixo e viu o senhor distinto.

— Oi, você está aí? Achei muito divertida a nossa brincadeira de adivinhação, ainda há pouco. Agora é a minha vez de perguntar para você. Me diga: qual é a diferença entre meu cavalo e meu macaco?

O senhor distinto não estava mais com a mínima vontade de brincar de adivinhação, mas era tão grande o respeito que agora sentia por Píppi que não teve coragem de não responder à pergunta.

— A diferença entre seu cavalo e seu macaco? Não sei, não faço a menor ideia...

— Está bem... Na verdade, a resposta é bem difícil — disse Píppi. — Mas vou lhe dar uma pequena pis-



ta. Se você visse os dois juntos debaixo de uma árvore e de repente um deles começasse a escalar a árvore... esse não seria o cavalo.

O senhor distinto pisou fundo no acelerador e se afastou dali a toda a velocidade. Nunca, nunca mais voltou à cidadezinha.